

## UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DAS CORES NOS CURSOS DE *DESIGN* DE INTERIORES

Josivan Pereira da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO:

O estudo da cor é um tema fascinante pela atração que exercem sobre as pessoas desde os tempos mais remotos e representando uma ferramenta poderosa para a transmissão de ideias. O propósito deste artigo é refletir sobre o ensino das cores nos Cursos de Design de Interiores. A metodologia adotada foi o levantamento bibliográfico, embasado no trabalho dos seus principais teóricos. Levando em consideração que é necessário repensar o ensino de cores, no intuito de obter resultados mais significativos, pela importância que tem a cor no contexto do design de interiores.

**PALAVRAS-CHAVE:** 1. *Desing de Interiores* 2. Ensino 3. Técnico 4. Cores

### ABSTRACT:

The study of color is a fascinating topic due to the attraction it has had on people since ancient times and represents a powerful tool for transmitting ideas. The purpose of this article is to reflect on the teaching of colors in Interior Design Courses. The methodology adopted was a bibliographic survey, based on the work of its main theorists. Taking into account that it is necessary to rethink the teaching of colors, in order to obtain more significant results, due to the importance of color in the context of interior design.

**KEYWORDS:** 1. Interior Design 2. Teaching 3. Technical 4. Colors

---

<sup>1</sup> Josivan Pereira da Silva é mestre pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Escola de São Paulo, tem como objeto de pesquisa os assuntos das cores. É professor de graduação e pós-graduação das Universidades Anhembi Morumbi, Unip, Unicesumar e leciona também nos cursos de Design de Interiores e edificações da ETEC Carlos de Campos em São Paulo.

## Introdução

A cor é uma ferramenta importante nos processos dos designers de interiores, já que possui a capacidade de transmitir sensações. De qualquer maneira, usar a cor é uma tarefa difícil e requer grande habilidade do profissional, pois ao definir uma paleta de cores para um projeto, surgem dúvidas sobre qual a melhor forma de aplicá-la e principalmente quais estratégias adotar. Essa situação leva alguns a praticamente anular o uso da cor ou aplicá-las de forma equivocada, limitando-se a uma cartela, às vezes, pobre e desinteressante, sem mais questionamentos sobre o efeito que elas trazem para os ambientes.

Através dos tempos, o design de interiores foi construindo a sua história, e pelo uso das cores também encontrou linguagens e códigos. Desde a ancestralidade as cores usadas pelo homem agregam significados em função de valores culturais das tradições dos povos e de estudos no campo das ciências.

O objetivo principal deste artigo é refletir sobre os principais condicionantes no ensino das cores no contexto das escolas de design de interiores em diferentes níveis de formação. Sendo assim, é relevante registrar que independente do grau de formação (técnico, graduação ou pós-graduação) os assuntos relativos às cores são tratados com a mesma superficialidade, tornando-se assim importante um olhar mais abrangente que discuta as problemáticas envolvidas no ensino da teoria das cores.

Abaixo levantamos três objetivos específicos que pretendemos alcançar com esta pesquisa, entre eles:

- Identificar os principais teóricos envolvidos;
- Discutir sobre o processo de ensino-aprendizagem das cores;
- Refletir o papel e importância do ensino das cores nos cursos de Design de Interiores.

A pesquisa está alicerçada em leituras e reflexões; a metodologia consiste em uma abordagem de natureza descritiva, empregada a partir de uma pesquisa bibliográfica. No entanto, para o desenvolvimento do tema, notou-se a necessidade de se ampliar os

campos do conhecimento estudados, não se restringindo às características das cores, que formam o pano de fundo para o desenrolar e sustentação desta pesquisa.

## 2. A cor

Quando se observa um objeto, associa-se a cor percebida a ele como se fosse uma característica material desse objeto, mas, embora pareça uma qualidade do material, ela é apenas uma sensação de quem a observa. Na opinião de Holtzschue (2011, p.18, tradução nossa),

a cor é uma experiência visual, uma sensação da luz que não pode ser verificada por outros sentidos: não pelo tato, paladar, olfato ou audição. Um objeto colorido pode ser tocado, mas é o próprio objeto que é tangível, não a sua cor não tem substância física. (HOLTZSCHUE, 2011, p.22, tradução nossa).

“Assim, consideramos cor como a forma de perceber visualmente o mundo material, natural ou construído em termos de matiz, saturação e luminosidade” (MALUF, 2015, p. 15). “O conceito de cor é bastante variável e pode designar tanto a percepção do fenômeno (sensação), como as radiações luminosas diretas ou ainda as refletidas por determinados “corpos” que o provocam” (PEDROSA, 2010, p. 20).

Podemos estudar as cores sob três aspectos, que precisam ser pensados em conjunto. O aspecto físico, que acontece fora do ser humano, ou seja, independente da sua vontade; e outros dois aspectos, cultural e fisiológico, têm a interferência do ser humano como fator primordial na elaboração da percepção da cor.

Das cores utilizadas nas paredes das cavernas à criação dos sistemas que tentam organizá-las, uma longa história foi tecida. Os achados arqueológicos embasaram os conhecimentos sobre os primórdios da utilização das cores e o entendimento de seus processos.

As cores são estudadas de forma sistemática desde a antiguidade clássica (aproximadamente 492 a.C.). *Platão* definia a cor como propriedade da luz, enquanto

*Aristóteles*, seu discípulo (384 – 322 a.C.), defendia o pensamento de que a cor é o resultado do encontro da luz com as trevas.

No campo das artes, Leonardo da Vinci (1452-1519) deixou uma grande contribuição. Suas teorias sobre o tema foram publicadas mais de um século após sua morte, em um livro chamado *Trattato de la Pittura*, com fragmentos de textos dedicados à cor incluindo, entre outros, o resultado das misturas, da percepção da cor na relação figura e fundo, das oposições cromáticas, da cor na perspectiva e da simultaneidade dos contrastes. Sobre este último já observado por Leonardo.

Estudar as cores nos leva por caminhos complexos e multidisciplinares, envolvendo várias áreas do saber, dentre elas: física, química, psicologia, antropologia, sociologia, entre outras. Diante das variáveis, podemos perceber a dificuldade em se estabelecer uma direção para o estudo da Teoria das Cores, que abrange também aspectos culturais.

Na física, a teoria da cor está relacionada com a luz e leva em conta as experiências do físico Isaac Newton, em 1676, que comprovou experimentalmente que a luz solar branca se decompõe nas cores do espectro, valendo-se de um prisma triangular. Newton desenvolveu uma teoria sobre a física ótica e as cores, que Matarazzo (2010, p. 48) “considera ser a primeira abordagem científica sobre o fenômeno cromático”. Na época de sua proposição, tais teorias provocaram uma grande agitação no mundo científico, e novos estudos apareceram em oposição às suas descobertas.

O principal oponente do pensamento Newtoniano surgiu um século depois, contrariando as teorias fisicistas e abriu caminho para uma nova forma de olhar os fenômenos da cor. Seu autor Wolfgang von Goethe (1749-1832) não teve seus estudos bem recebidos e suas teses foram consideradas errôneas e ignoradas pelos seus contemporâneos. Goethe publicou, em 1810, A “Doutrina das Cores”, um livro que explicava os fenômenos cromáticos de forma científica e, ao mesmo tempo, colocava o escritor no patamar de exímio poeta. Sua inovação se deu na área da percepção da cor e nos fenômenos psicológicos provocados por elas. Com relação à teoria de Goethe, Barros (2009, p.269) considera que sua importância reside no fato de que os

horizontes do estudo cromático foram ampliados: “[...] a investigação de Goethe abriu novas portas para o conhecimento das cores, sugerindo um espectro interdisciplinar para diversas abordagens sobre o fenômeno cromático, ligando-o a diversas áreas do conhecimento”.

Em 1839, o químico francês Michel Eugène Chevreul (1786-1889) publicou seu livro sobre harmonia e contraste das cores, intitulado *De La Loi du Contrast Simultané des couleurs*, na tentativa de fornecer uma base sistemática para a visualidade das cores. Por volta de 1824, foi diretor da famosa fábrica de tapetes *Gobelins*, onde exerceu a função por quase 60 anos. Lá, ele supervisionava a preparação dos tingimentos, mas nem sempre conseguia alcançar os efeitos almejados. Em suas observações, percebeu que o brilho das cores não dependia somente da intensidade das tintas, vendo assim a necessidade de classificar as cores a serem reproduzidas pela indústria têxtil e criou uma catalogação de cerca de vinte mil cores com representação tridimensional; e com base nisso, Chevreul apresentou seu livro, baseado também nos estudos relatados por Goethe e na própria observação e experimentação do fenômeno, para a qual as combinações de cores deveriam ser evitadas e cujos arranjos acentuavam melhor a pureza ou a força total dos matizes.

A teoria do químico francês é frequentemente apontada pelos historiadores da Arte como a base científica das artes impressionistas e neoimpressionistas, na segunda metade do século XIX. Pintores como Seurat<sup>2</sup> e Signac<sup>3</sup> fizeram dessa lei o suporte dos seus trabalhos, através da apresentação de cores à sua volta, técnica essa que foi denominada de pontilhismo (ver Fig. 01). Dessa forma, Chevreul, fez generosas contribuições, deixando um legado para o desenvolvimento da indústria das cores.

---

<sup>2</sup> Georges Seurat (1859 – 1891), pintor francês, fundador da escola neo-impressionista e o criador do pontilhismo, que consiste em uma técnica de pintura constituída pelo uso de um elevadíssimo de pequenos pontos coloridos.

<sup>3</sup> Paul Victor Jules Signac (1863 – 1935), Pintor francês neo-impressionista e figura importante na aplicação da técnica do pontilhismo. Pintou sobretudo paisagens e exerceu considerável influência sobre outros estilos, como fauvismo e cubismo.



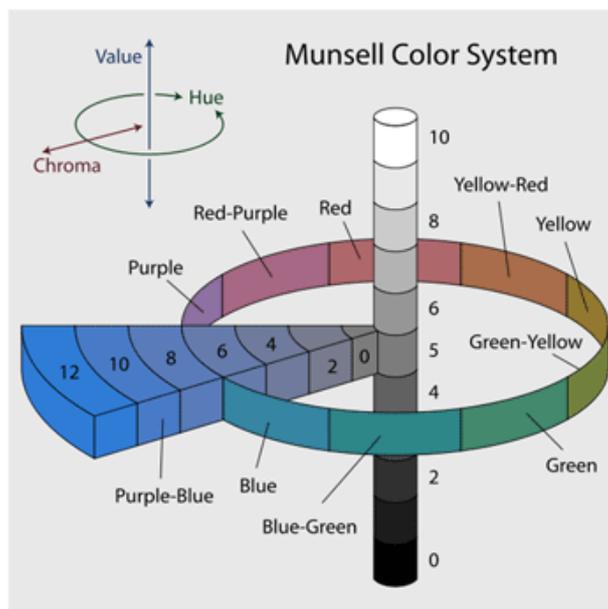
**Figura 01** – *La Grande Jatte*, de Georges Seurat, 1884-86

Fonte: <https://parnassusmusing.net/category/anns-blog/page/2/> (acessado em 12/06/2016)

A criação do sistema de notação surgiu com a necessidade de uma linguagem universal que garantisse uma reprodução eficiente em sistemas de notação alfabética ou musical. No caso da cor, não foi diferente. Para se reproduzir uma cor em larga escala é necessário um sistema eficiente na linguagem da cor, no qual a ordem e a lógica organizam as cores, e, assim, podem ser reconhecidas em qualquer situação. Alguns sistemas foram criados e adotados pela indústria para que, em uma linguagem própria, as cores pudessem ser verificadas e representadas graficamente com eficiência e fidelidade, sendo cada um deles adequado a um uso específico, dependendo da área; seja ela gráfica, têxtil, automobilística ou imobiliária.

No início do século XX, especificamente em 1905, um importante estudo foi desenvolvido pelo americano Albert Henry Munsell (1858-1918) sobre a teoria da cor: a criação de um sistema de referência e padronização das cores que as organiza em uma “árvore” (Fig. 02). O sistema identifica as relações cromáticas entre três atributos da cor: matiz, saturação e luminosidade.

A quantidade de diferentes matizes existentes em um círculo cromático varia dependendo do sistema em que está sendo adotado para abordar a cor e pode, por exemplo, ser composto por 10 matizes principais como no círculo cromático do sistema de Munsell, por 12 matizes principais como no círculo de Itten, ou por 40 matizes principais como no NCS (*Natural Color System*).



**Figura 02** – Árvore do Sistema Munsell

Fonte: <http://www.silkebrindes.com.br/loja/index.php/blog/munsell/> (acessado em 25/11/2016)

Segundo Fraser e Banks (2007, p. 46), “o plano da árvore de Munsell, que pode ser representada como um círculo, está dividido em cinco cores primárias ou matizes principais, com mais cinco intermediárias, produzindo um total de dez divisões”. Esse sistema é amplamente usado até os dias de hoje, servindo de referência para o design e a indústria. Tornou-se uma referência universal de classificação das cores para vários setores da indústria: tintas, têxtil, plásticos, gráfica, dentre outros.

Para que o sistema funcione eficientemente, é necessário que seja adotado por todos os envolvidos no processo. No Brasil, fabricantes de tintas imobiliárias fornecem ao mercado paletas de cores com codificações próprias, sem que seja possível constatar se a cor aplicada condiz com a especificada, pois poucas empresas fornecem leitores de cor para conferência.

Ainda nesse século, o aparecimento da Escola *Bauhaus* – escola alemã, cujo objetivo era a democratização da obra de arte por meio da sua integração com a produção industrial – fomentou novos estudos sobre as cores. Seus principais estudiosos foram: Johannes Itten, Paul Klee, Wassily Kandinsky e Josef Alber.

Johannes Itten (1888-1967) publicou em 1961 o livro *Kunst der Farben* (A arte da cor), em que reúne suas experiências teóricas e práticas, com o objetivo de ajudar a todos

aqueles que se interessam pelos problemas cromáticos. Foi na Alemanha que estudou pintura, na Universidade de *Stuttgart*, e frequentou as aulas de Adolf Hölzel (1853-1934), educador e teórico da cor, onde se familiarizou com a teoria das cores, ao mesmo tempo em que estudou especialmente as teorias de Goethe e Chevreul, entre outros. Suas investigações conduziram à formulação da sua própria teoria.

Itten seguiu para a Áustria em 1916, montou e dirigiu sua própria escola de arte, em Viena. Tornou-se conhecido pelos seus métodos didáticos avançados para a época, caracterizados pela insistência na expressão individual. Em 1919, mudou-se para Weimar (cidade alemã), a convite de Gropius para lecionar na *Bauhaus* recém-formada; como mestre, desenvolveu o curso preliminar de cor e forma.

Prestou particular atenção às cores subjetivas criadas por seus alunos. Assim, poderia desenvolver as diferentes atitudes de união das cores em função das leis objetivas e dos sete contrastes de cores expressas em sua teoria.

A teoria das cores de Paul Klee (1879-1940) está extremamente vinculada à sua teoria da criação, fruto de sua experiência artística e visão de mundo; e a Wassily Kandinsky (1866-1944), que fala em suas aulas na *Bauhaus*, na década de 20, da recuperação do valor pictórico da cor e de como devemos estudar todos os seus aspectos, físicos, químicos, fisiológicos, psicológicos e simbólicos, empregando a cor nos projetos, a partir de exercícios de composição e análise da construção. Kandinsky faz uma associação entre cores e formas geométricas buscando por uma linguagem plástica autônoma, desvinculada da representação da natureza, assunto também explorado na teoria de Itten. Ao estudarmos o contexto das aulas na *Bauhaus*, vislumbramos diferentes estudos que, em paralelo, recolocaram a cor como parte integrante dos projetos.

Josef Albers desenvolveu uma metodologia didática baseada no reconhecimento das características intrínsecas dos materiais construtivos. Em 1963, é publicado pela primeira vez seu livro “Interação das Cores”, texto que consagra sua forma de ensinar as propriedades da cor por meio de exercícios indutivos. A metodologia didática de Albers explorou o aprendizado por meio da percepção, e não por teorias ou sistemas cromáticos. É a partir de exercícios de percepção visual que o aluno descobre a teoria.

Dessa forma, podemos dizer que a metodologia didática de Albers coloca a prática à frente da teoria.

Podemos verificar através do trabalho de alguns estudiosos desse assunto, que se destacaram basicamente duas linhas de pensamento mais influentes: uma mais ligada ao fenômeno físico, que tem em Isaac Newton seu principal representante, e outra que analisava a subjetividade da cor e sua experiência no dia a dia das pessoas, que encontra em Goethe um dos mais influentes defensores. Posteriormente, há uma tendência de se difundir as duas linhas de pensamento. Para Cesar (1997, p.21), “Há uma busca de ‘receitas’ de uso da cor baseadas em novas formas de compreensão do próprio ser humano, seu comportamento e seus hábitos, influenciados em boa parte pelo grande desenvolvimento da psicologia”. As novas teorias são repletas de conceitos advindos das questões simbólicas, como no trabalho de Carl Gustav Jung (1875-1961) e outros estudiosos do comportamento humano, não mais necessariamente artistas ou cientistas, entre outros, podemos citar Faber Birren<sup>4</sup> (1900-1988) e o contemporâneo Frank H. Manheke<sup>5</sup>.

### **3. sobre o ensino das cores no design de interiores**

Diante do exposto, desenhamos os caminhos percorridos pelos principais estudiosos dos assuntos das cores, cada qual em seu tempo e com sua relevância para disseminação das bases do podemos chamar de teoria das cores. Nossa abordagem direciona o olhar para o ensino das cores nos cursos de design de interiores de diferentes níveis, em função da importância que este assume diante das problemáticas compositivas enfrentadas pelos profissionais de design de interiores diante da expressiva dificuldade de desenvolver projetos cromáticos.

Designers de interiores utilizam a cor em seus projetos, alguns de maneira acromática, ou seja, com uso de cores neutras: preto, cinza e branco, outros, no entanto, adotam composições cromáticas mais intensas, tornando-as elementos identificadores de suas produções.

---

<sup>4</sup> Importante estudioso americano do século XX, escreveu mais de 40 livros e destaca-se na padronização do uso das cores em tubulações de líquidos e gases.

<sup>5</sup> Importante estudioso americano, que se dedicou ao estudo do comportamento humano em relação as cores. Autor do livro “*Color, Environment & Human Response*”.

No que diz respeito às cores, o designer de interiores precisa dialogar entre o domínio das combinações compositivas e a necessidades dos usuários. Produzindo assim, qualidade ao ambiente proposto. É essencial ter conhecimento das leis regulatórias e de planejamento das paletas cromáticas, um vasto conhecimento de materiais, além de ter familiaridades com o simbolismo das cores. “[...] deve ter um conhecimento prático da história da disciplina e se manter a par das tendências atuais. Tudo isso deve ser somado a uma habilidade criativa para produzir interiores merecedores de mérito”. (GRAEME E STONE, 2014, p.20)

A cor é um assunto complexo e multidisciplinar, embasada em diferentes disciplinas. Conceitualmente é possível notar dois caminhos para compreender as cores; um considera seus aspectos objetivos, por outro lado alguns preferem discutir a cor sob o ponto de vista da subjetividade.

Nos cursos de design de interiores, a cor é geralmente uma abordagem das disciplinas de composição, tendências ou projeto, criando assim subsídios para a compreensão da sua aplicação no espaço, com propósito de intervir em seu planejamento, facilitando uma sintonia com os anseios dos clientes.

Este assunto é tratado com pouca importância, embasado em suposições rasas e subjetivas, já que durante o processo de projeto os alunos geralmente não se preocupam com a proposta cromática, deixando apenas para o final um ponto que já deveria ser pensado durante o processo. Fica claro então que há uma dificuldade dos professores de conduzir os assuntos da cor, já que falta base para conduzir esta discussão.

As aulas de cores no âmbito do design de interiores consistem basicamente em desenvolver painéis semânticos, paletas sem sentido e colorir plantas, cortes e perspectivas, sem discutir as composições cromáticas e as reais estratégias por trás deste processo.

Vemos uma grande correria dos profissionais na busca pelas tendências da estação, como forma de justificar suas escolhas, mesmo que estas não estejam em sintonia com

as reais necessidades dos clientes. Muitos designers atribuem suas escolhas cromáticas aos painéis semânticos concebidos a partir do tema de inspiração, mas o processo não é tão simples como parece e requer considerações práticas. Considera-se também a função do espaço a ser produzido e conveniência captada no conceito que o profissional deseja aplicar.

A paleta de cor não é um mero repositório; é um espaço para experimentação. Vendo o efeito da justaposição de cores e acabamentos na paleta, o profissional poderá verificar melhor se certos elementos provavelmente funcionarão bem, quando juntos, na prática. O arranjo dos itens pode ser casual, mas, muitas vezes, o especialista tenderá a refletir o modo como as cores e as texturas serão provavelmente usadas. O tamanho da cartela pode variar principalmente em função do número de segmento que a empresa atender.

Levando em consideração as práticas utilizadas em sala de aula e possível sinalizar não se trata de um ensino apropriado, e não abrange a discussão teórica e prática do uso das cores nos processos criativos.

## **5. Considerações Finais**

Considerando o exposto, faz-se necessário mudanças de postura na disciplina de cores nos cursos de design de interiores. No que tange os aspectos da cor, é possível tomar consciência da sua importância, não apenas em cursos técnicos, mas também de graduação e pós-graduação.

Esse processo precisa vir acompanhado do apoio de pesquisas direcionadas aos temas pertinentes, assim como de disciplinas específicas, obrigatórias e optativa, de apoio ao projeto.

Um fator que tem dificultado o estudo da cor é a ausência de bibliografias relevantes em língua portuguesa. A falta de literatura específica, de qualidade, que faça uma abordagem sobre o uso das cores especificamente em design de interiores. Outro ponto, e talvez o mais complexo, é que a literatura básica existente diverge sobre uma direção única para o estudo da cor, o que dificulta a caminhada dos alunos e mesmo

dos professores, já que o assume se torna complexo sem um rumo objetivo.

É possível afirmar que as cores podem ser consideradas ferramentas primordiais no desenvolvimento de ambientes no âmbito do design de interiores, podendo transformar elementos antes comuns e monótonos, em produtos estimulantes e até porque não dizer cativantes. Equipado com a completa compreensão da física e da psicologia da cor, o “designer” deve, cedo ou tarde, decidir sobre a paleta que usará em um projeto. O produto final não só necessita funcionar como uma composição colorida em si, mas também deve parecer atraente e crível à audiência que objetiva atingir.

## Referências

### Livros

ALBERS, Josef. *A interação das cores*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

BARROS, Lilian Ried Miller. *A cor no processo criativo: um estudo sobre a Bauhaus e a teoria de Goethe*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

FRASER, Tom; Banks, Adam. *O guia completo da cor*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

GIBBS, Jenny. *Design de interiores: guia útil para estudantes e profissionais*. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2010.

GOETHE, J. W.. *Doutrina das cores*. São Paulo: Nova Alexandria, 2011.

HOLTZSCHUE, Linda. *Understanding color an introduction for designers – 4th edition*. New Jersey: John Wiley & Sons, Inc., 2011.

ITTEN, Johannes. *Arte del color – Aproximación subjetiva y descripción objetiva del arte edición abreviada*. Paris: Editorial Bouret, 1960.

MAHNKE, Frank H.. *Color, Environment, and Human Response – An interdisciplinary understanding of color and its use as a beneficial elemento in the design of the architectural environment*. New York, John Wiley & Sons, Inc., 1996.

PEDROSA, Israel. *Da cor a cor inexistente*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2010.

Silveira, Luciana Martha. *Introdução à teoria da cor – 2 ed*. Curitiba: Ed. UTFPR, 2015.

### Dissertações

CESAR, João Carlos de Oliveira. *O uso da cor na arquitetura de interiores - Dissertação de mestrado*. São Paulo: FAU USP, 1997.

MATARAZZO, Anne Ketherine Zanetti. *Composições cromáticas no ambiente hospitalar: estudos de novas abordagens – Dissertação de mestrado*. São Paulo, 2010.

MALUF, Fabiana Mendes Ladeira. *A percepção da cor na paisagem urbana: estudo de caso na Vila Madalena – Dissertação de mestrado*. São Paulo: FAU USP, 2015.

#### Artigos

CESAR, João Carlos de Oliveira. A cor no ensino de projeto arquitetônico no Brasil. II Seminário sobre Ensino e Pesquisa em Projeto de Arquitetura. Rio de Janeiro, 2005.